

O Imperialismo Ateniense, Tucídides e a historiografia contemporânea

ou

“Do uso de um historiador antigo pelos historiadores contemporâneos”

JOSE ANTONIO DABDAB TRABULSI

SUMARIO: 1. Introdução: justificação do tema e limites do trabalho. 2. A imagem do Imperialismo ateniense em alguns historiadores contemporâneos. 3. Crítica desta imagem e novas perspectivas. 4. Bibliografia.

1. “DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES”

Tucídides está fora de moda. Depois de ter sido entronizado pela nascente historiografia científica do século XIX como o “verdadeiro pai da história”, aquele que tornou o conhecimento do passado uma ciência, com o mesmo rigor das ciências naturais, e de ter assim atravessado triunfantemente a primeira metade deste século, Tucídides foi em seguida impiedosamente acusado de ter uma visão que não ia mais longe que um campo de batalha, sendo assim combatido como o inspirador da “histoire événementielle”.

Itinerário inverso seguiu Heródoto. De simples contador de historietas inverossímeis ou simplesmente absurdas, fonte tão suspeita que era preciso mil observações críticas antes de ser citado por historiador sério em pé de página, Heródoto goza hoje de grande prestígio, que acompanhou passo a passo a abertura da “nouvelle histoire” para a sociologia e a antropologia. Assim, enquanto

Heródoto inspirou recentemente trabalhos tão estimulantes quanto o livro de F. Hartog,¹ os grandes livros sobre Tucídides, como os de Cornford, Gomme ou J. de Romilly, são já bem antigos.

Depois que uma vasta, e tão fecunda, revisão historiográfica foi feita sobre o arcaísmo grego nos últimos anos, por Finley, mas também pela “Escola de Paris”, por P. Lévêque ou Yvon Garlan, cumpre agora rever os problemas relativos ao fim do classicismo. Como Heródoto foi fundamental para a primeira, esta nova revisão não poderá ser feita sem uma renovação e aumento dos trabalhos sobre Tucídides. É hora dos historiadores deixarem de “escolher”, entre os dois, o que mais se aproxima da sua concepção de história e começarem a utilizar as duas fontes diferentes de acordo com a sua especificidade.

Quanto a esta revisão, um dos problemas-chave é a visão de que o imperialismo levou à guerra, que levou ao declínio irremediável do mundo clássico. Uma modesta contribuição — a que eu proponho neste trabalho — seria mostrar como o testemunho de Tucídides foi utilizado pelos historiadores na construção de uma imagem do imperialismo. Mostrar também os pressupostos, as motivações e os resultados dos seus trabalhos. Como não possui a competência lingüística para julgar obras específicas de especialistas sobre pontos controvertidos de interpretação de texto, tomei como objeto algo que me é mais familiar. Examinarei como a imagem clássica do imperialismo ateniense foi criada e veiculada por historiadores que, pela sua estatura acadêmica ou editorial *difundiram a imagem predominante*, acrescentado também um caso especial brasileiro.

2. A IMAGEM DO IMPERIALISMO ATENIENSE EM ALGUNS HISTORIADORES CONTEMPORÂNEOS

2.1 Se tomamos como ponto de partida da nossa análise historiográfica a obra de G. Glotz não é certamente por ser esta das mais fáceis de serem criticadas. Glotz foi com certeza o maior historiador francês da Grécia antiga do início do século XX. A sua “Cidade Grega”, publicada na coleção “L'évolution de l'Humanité”,

1. HARTOG, F. *Le miroir d'Hérodote*. Paris, Gallimard, 1980.

traduzida e reeditada em vários idiomas, é ainda hoje um ponto de referência obrigatório para os estudiosos. A sua "Histoire Grecque",² que tomamos aqui para análise, apesar de menos difundida, é certamente mais importante ainda, pois nela o autor dá uma interpretação mais clara e pessoal do *movimento* da história grega.

Glitz representa um grande avanço metodológico, levando ao máximo o esforço positivista de levantamento minucioso e crítica exaustiva das fontes. Além disso, tomar Glitz como ponto inicial encontra uma justificativa nas palavras do próprio historiador. Falando da ambição de Tucídides em deixar um tesouro válido para sempre, ele afirma:

"Il a réussi, puisque tout récit de la Guerre du Peloponnèse n'est jamais qu'une paraphrase ou un résumé de son livre."³

Sabemos que para o nosso tema, mais estritamente delimitado, o imperialismo, temos outras fontes, mas ainda assim a afirmação de Glitz guarda validade e mostra a lucidez de um historiador que afirma categoricamente o que alguns, com preocupações críticas muito mais limitadas, omitem.⁴

Isto tudo não quer dizer que o trabalho de Glitz não seja passível de críticas. A nossa, aqui, vai se limitar ao único aspecto que nos interessa, ou seja, o tratamento do imperialismo.

Uma observação de caráter geral, inicial, é que Glitz incorpora parcialmente a noção da "motivação psicológica em última instância" quando afirma que

"Après la victoire de Mycale, Lacédémone préféra temporiser, selon son habitude, et perdit l'hégémonie; Athènes se décida pour l'action et y gagna un empire."⁵

Este império, segundo Glitz, se desenvolveu a partir da liga de Delos, considerada benéfica para todos.

2. GLOTZ, G. *Histoire Grecque*. Paris, P.U.F., 1948 (1926), 2 v.

3. GLOTZ, G. *op. cit.*, v. 2, p. 604.

4. TOYNBEE, A. *Helenismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

5. GLOTZ, G. *op. cit.*, p. 107.

“Et les alliés n’y perdaient rien: ils devaient avoir la sécurité sans être obligés de se battre.”⁶

O montante do tributo foi fixado e repartido por Aristides com proverbial justiça,⁷ e como o número de aliados aumentou enquanto a soma total permaneceu fixa, o peso do tributo foi cada vez menor, na fase inicial da Liga.

“Ni maîtres, ni sujets, rien que des collaborateurs unis pour une même oeuvre d’intérêt général. Durant de longues années, la ferme hégémonie d’Athènes fût acceptée librement, joyeusement, par tous ceux à qui elle assurait le repos.”⁸

A imagem de igualdade na Liga, em Glotz, só é negada no sentido inverso ao que poderíamos esperar hoje, quando ele afirma:

^{ibid.} “mais les coalisés contribuèrent, plus qu’Athènes elle-même, à forger les chaînes dont ils se plainquirent ensuite si fort. Chaque année, l’un d’entre eux, par paresse, par amour de la paix, renonçait à équiper sa trière et la remplaçait par une contribution pécuniaire (...)”⁹

e fala em seguida de “nonchalance des alliés”.

Até na arquitetura da sua obra os seus pressupostos se manifestam, pois é só depois de falar isto que ele passa a descrever o outro componente da transformação da Liga em Império: a política de Címon.

“Il encouragea systématiquement les confédérés à retourner à leurs champs et à leurs boutiques. Avec l’argent qu’ils versaient pour ne pas servir, il armait une flotte qu’il aguerrissait par des expéditions fréquentes.”¹⁰

Creio que já é hora de juntar um pouco mais de crítica à exposição. Que eu não seja aqui acusado de criticar Glotz nas suas

6. *ibid.*, p. 116.

7. *ibid.*, p. 116.

8. *ibid.*, p. 117.

9. *ibid.*, p. 117.

10. *ibid.*, p. 128.

passagens mais generalizantes e retóricas, sem mostrar qualquer falha no seu método crítico. O que pretendo mostrar é que justamente na “visão geral” sobre o imperialismo é que podemos encontrar brechas na análise de Glotz, e não num erro de cronologia, avaliação do tributo, má interpretação dos textos antigos, etc.

“Le privilège historique d’Athènes, c’est d’avoir été la terre des grandes expériences politiques. Elle inaugure non pas seulement le gouvernement direct du peuple par le peuple, mais encore le gouvernement d’un Empire par le peuple. Là tout était à créer: la méthode et le personnel. Qu’Athènes ait commis des erreurs dans une situation sans précédent, c’était fatal; l’étonnant, c’est qu’elle les ait si promptement réparées.”¹¹

Glotz apresenta uma visão exageradamente pró-ateniense do fato imperial e, através de passagens como esta, *justifica* o imperialismo e a conduta de Atenas, quando a tarefa de *compreensão dos mecanismos do processo* é que deveria ser a preocupação predominante.

Ele fala em seguida das ambições de conquista de Atenas e diz que em consequência

“surviennent les désastres, châtement de sa témérité.”¹² onde ele incorpora pura e simplesmente o esquema de pensamento antigo da *hybris* levando ao castigo, parcialmente presente em alguns trechos de Tucídides, sobretudo na campanha da Sicília.

“Sagement, elle remet sa destinée aux mains de Périclès, l’aristocrate de grande allure, l’Alcméonide riche de l’expérience accumulée dans sa maison depuis deux siècles.”¹³

Fica clara aqui a sua predileção, acompanhando Tucídides, por um regime democrático moderado e “iluminado” pela inteligência do líder aristocrata.

11. *ibid.*, p. 143; sem falar de uma imprecisão de detalhe: a primeira democracia de que temos notícia é a de Quíolos.

12. *ibid.*, p. 144.

13. *ibid.*, p. 144.

Assim, segundo Glotz, abre-se uma nova fase do imperialismo, que ele qualifica de "defensivo" (454-446). Glotz não nega o alcance de nenhum dos grandes acontecimentos relativos ao império, como a transferência do tesouro,¹⁴ assim como o aumento do tributo para 560 talentos, a percepção, para Atena, de primícias de 1/60, a substituição do *Synédriou* pela *Ecclisia* como órgão deliberativo, mas afirma:

"Bien mieux, Athènes fût amenée par la force des choses à s'immiscer dans les affaires intérieures des villes."¹⁵

Chegamos quase à impressão de uma Atenas forçada, apesar dela, a assumir o comando.

"Ainsi, de 454 à 449, Athènes dut, à maintes reprises, intervenir dans la politique des villes que les aristocrates voulaient faire sortir de la confédération."¹⁶

A pedra angular da visão de Glotz sobre a história grega, o imperialismo e sua interpretação de Tucídides talvez nos seja dada pela sua opinião extremamente favorável a Péricles. Sob a liderança deste

"Son régime démocratique se montre à la fois capable de progrès à l'intérieur, où il tend à l'équilibre des classes sociales, et d'énergie à l'extérieur, où l'empire, source de toute prospérité, s'organise, se centralise et s'affermi. Si la Grèce y consent, une ère nouvelle va s'ouvrir pour elle: elle pourra, sous l'égide d'une grande cité, réaliser enfin l'unité nationale.

Mais la Grèce demeure sourde aux appels de Périclès (...)"¹⁷

O imperialismo moderado poderia então levar à unificação, encarada por tantos historiadores¹⁸ como o ponto final, e perdido, da civilização grega.

14. *ibid.*, p. 155.

15. *ibid.*, p. 156.

16. *ibid.*, p. 157.

17. *ibid.*, p. 167.

18. por exemplo, Victor Ehrenberg.

Mas já que nos permitimos tantas críticas de caráter geral a um historiador tão importante quanto Glotz, vale a pena ressaltar a lucidez de um historiador que, já na sua época, reconhecia todas as implicações mútuas entre democracia e imperialismo.

“Périclès vit clairement les difficultés de la paix. Il comprit que la conduite des affaires extérieures et celle des affaires intérieures ne se séparent pas. Sa doctrine sociale et sa doctrine impérialiste se donnèrent un mutuel appui.”¹⁹

Nós não podemos nos alongar muito mais sobre Glotz, mas vale a pena observar ainda algumas de suas visões sobre a organização do império. A transição da *symmachia* à *arkhé* é muito valorizada, superestimando talvez transformações puramente legais ou de vocabulário²⁰ (o que não quer dizer que estas não sejam significativas).

“Un fait caractérise avec une clarté parfaite l'état de sujétion où sont tombées maintenant les villes fédérées: c'est le changement introduit dans la formule du serment qu'elles prêtent pour s'engager à ne pas faire défection. Vers 465, elles se liaient encore envers “les athéniens et ses alliés”; à partir de 450, elles ne promettent plus fidélité et obéissance qu'au peuple athénien.”²¹

Sobre o tributo, ele afirma:

“Le tribut imposé par les athéniens n'a donc jamais été excessif.”²²

Depois de ter falado longamente sobre o sistema das cleruquias — onde ele se mostra severo com relação a Atenas — ele conclui esta parte fazendo um balanço do tipo “les bienfaits” e “les méfaits de l'impérialisme athénien”. Neste balanço, os “bienfaits” são todos os elementos que conduzem à unidade e os “méfaits”, tudo o que atinge a autonomia das cidades, resultando uma impressão de muita contradição.

19. GLOTZ, G. *op. cit.*, p. 177.

20. *ibid.*, p. 188.

21. *ibid.*, p. 190.

22. *ibid.*, p. 194.

Penso que não seria excessivo ver nesta preocupação com o problema da *unidade* um reflexo das teorias nacionalistas em voga na virada do século, que fazia com que a história grega fosse vista como a tentativa fracassada de dar aos gregos a unidade que italianos e alemães tinham conseguido. É o que aparece ainda mais claramente quando Glotz fala sobre a importância do conflito, introduzindo um longo estudo sobre a guerra (que não podemos seguir nos limites deste trabalho e onde ele desenvolve o programa, inelutável segundo ele próprio, de parafrasear e resumir Tucídides) :

“Athènes sera vaincue, son rêve brisé, son Empire mais en lambeaux, mais à quel prix pour la Grèce entière! La dure sujétion au Lacédémonien, l’humiliante intervention du Perse, l’épuisement général, tout cela ne sera rien encore au regard de ceci: l’unité du monde grec ne se fera que long temps après, par le fer et dans la servitude. Et c’est ainsi qu’à la période la plus brillante de l’histoire grecque succédera la plus triste.”²³

2.2 O segundo momento da nossa revisão da historiografia toma como objeto H.D.F. Kitto. Depois da visão francesa, o mundo anglo-saxônico. O referencial da escolha é diferente, mas coerente com o nosso programa: a influência da obra sobre a formação das representações dos fatos da história grega antiga. Deste ponto de vista nada melhor que o seu *The Greeks*,²⁴ publicado em inúmeros idiomas e tendo vendido o incrível número de 1.400.000 exemplares, referencial mais que obrigatório em todas as universidades inglesas e norte-americanas.

No que se refere à guerra do Peloponeso seu relato é, ainda mais que o de Glotz, uma paráfrase-resumo de Tucídides, de quem ele cita trechos muito longos. Quanto ao imperialismo ateniense, sua visão se aproxima da de Glotz sob certos aspectos. Acompanhemos Kitto, sublinhando o que nos parece revelador de sua posição.

23. *ibid.*, p. 603. Um outro trabalho, interessante mas longo, seria comparar passo a passo o *relato da guerra* em Tucídides e em Glotz.

24. KITTO, H. *The Greeks*. London, Penguin Books, 1981 (1951).

“Operations against Persia continued for some years. Then arose the insoluble problem of the right of secession. The important island of Naxos refused to be a member of the League any longer: the threat from Persia was now at an end; why then should Naxos contribute forces to a League which was only Athens in disguise? *To which Athens could reasonably reply* that if there was no League the Persian menace would very soon revive. She treated the secession as a revolt, crushed it, and imposed a money-payment on the Naxians. Other such “*revolts*” were treated in the same way. Then Aegean states which had held aloof were compelled to join again, with some reason, for why should any Aegean state enjoy the security which others provided, without contributing to it?

Two other things were done, both sensible, but both helping to transform the League into an Empire. The headquarters of the League were moved from Delos to Athens — from a small island to which people went mainly for religious purposes to the city to which people were glad to go for any purpose. That suspicious thing “administrative convenience” could be cited, and it could be represented that the League’s treasury was safer in Athens — *as indeed it was*, for Athens had just lost two fleets in an Egyptian adventure: but for all that, it strengthened the impression, in Athens and out of it, that what was in name a League was in fact an Empire. The commercial disputes between members were made referable to Athenian courts. *This was in fact a great simplification of procedure.* In the absence of any system of international law, legal procedure between members of different cities were possible only if the two cities had a treaty expressly providing for them; if not, direct reprisal — a sort of official piracy — was the only way of ensuring that complaints should be listened to. *The athenian courts were reasonably honest, and they were disinterested.* Great care was taken to ensure that no advantage was enjoyed by an athenian in litigation with a member of an allied city. Nevertheless, it looked bad.

The general efficiency and honesty which Athens managed the League are shown by the fact that the cities continued to join voluntarily, and that when the war with Sparta came the members of the whole remained surprisingly loyal to Athens, even though they were called subjects of a imperial city."²⁵

Todos os trechos grifados mostram, não uma suposta "parcialidade" de Kitto, mas um *juízo* que aceita e incorpora, parcialmente em alguns casos, totalmente em outros, os argumentos das próprias "partes envolvidas". O "aspecto favorável" que existe em cada argumento só existe se recolocado no jogo de forças do momento, neste caso favorável a Atenas. Todos os momentos da "transformação da Liga em Império" (aceita por Kitto) poderiam não ter acontecido, ou ter acontecido de outra maneira. Não afirmo que o historiador possa ficar completamente imune a este problema, mas exercitar inconscientemente este tipo de juízo "pró e contra" pode levar a outro tipo de exercício historiográfico estéril: a busca do "culpado" e das tentativas de solução não tentadas.

Este tipo de abordagem pretensamente objetivo, imparcial, mostra-se neste aspecto inferior até ao do próprio Tucídides que pelo menos buscava o *motor* das transformações da história, ainda que o situasse no campo psicológico da natureza humana. Isto tudo sem falar que a mesma acusação de juízo pró-ateniense possa tranqüilamente ser imputada a Kitto.

Não tenho condições de estabelecer aqui o paralelo com a historiografia alemã, mas é fato conhecido que os estudiosos do mundo clássico até pouco tempo atrás se repartiam entre simpatizantes do modelo ateniense e do modelo espartano. A rivalidade que até meados do século XX opôs o liberalismo republicano francês e o parlamentarismo inglês ao modelo de uma Prússia, depois Alemanha, militarizada, não deixou de encarnar mais uma vez a oposição Atenas X Esparta. Apesar de serem grandes historiadores, penso que nem Glotz nem Kitto escaparam desta influência de política contemporânea.

25. KITTO, H. *op. cit.*, p. 118-119.

Ora, a opinião favorável de Tucídides a uma democracia moderada de tipo pericleano tornava muito fácil a aceitação pura e simples do testemunho da fonte antiga. Mais ainda, como esta democracia moderada (“escola da Grécia”) era indissociável de um imperialismo civilizador, esclarecido, protetor dos povos, o testemunho de Tucídides sobre o imperialismo se tornava “evidente”, “cheio de verdade”, para historiadores como Kitto, por exemplo, que foram criados numa Inglaterra vitoriana onde o fato imperial (e o conservantismo político) recebia as mesmas explicações. Que o seu livro tenha obtido um sucesso tão retumbante nos Estados Unidos não é surpresa pois a exportação de sua reputação do outro lado do Atlântico acompanha o processo de transferência do centro do capitalismo imperialista, com todas as suas pretensões civilizadoras (o que não exclui, e sim complementa, outros elementos de explicação, como afinidades culturais, intelectuais, editoriais, etc.).

Algumas passagens completam esta análise, como por exemplo o elogio da energia dos povos novos e conquistadores:

“It can not be said of the Athenians that they exploited un Empire gained by the energies and sacrifice of the others.”²⁶

A esta “necessidade” de dar uma visão pró-ateniense nestes autores não é estranha a explicação tirada sobre a escravidão. É sabido o lugar insignificante da explicação da escravidão na “Cidade Grega” de Glotz; tomemos aqui o exemplo de Kitto.

“There is very little similarity between Greek slavery in the fifth and fourth centuries and the roman latifundia, large states worked by slaves, which were created by depopulation of the countryside.”²⁷

“There was slavery, and it helped, like an auxiliary engine: but to suggest that it was the mainstay of athenian economy is a serious exaggeration, and to say that it set the tone of society and estranged the ordinary citizen from hard work is ludicrous. What it did do was to keep down the level of wages(...).”²⁸

26. *ibid.*, p. 122.

27. *ibid.*, p. 131.

28. *ibid.*, p. 133.

Contra este tipo de interpretação se volta toda a historiografia recente.²⁹ Outro aspecto interessante em Kitto, onde ele segue Tucídides, é a idéia de que depois de Péricles, e sobretudo com Cleon, há uma degenerescência moral em Atenas.³⁰ Tocaremos neste ponto mais adiante.

2.3 Resolvemos incluir na nossa revisão historiográfica um terceiro exemplo, este brasileiro. Sabemos como é difícil publicar livros de história antiga no Brasil; sobretudo de autores nacionais. Neste sentido é um absurdo completo ver reedições de Jaeger e Jardé, quando quase toda a obra de Finley, Vidal-Naquet, Detienne, Vernant permanece inédita no Brasil. Tenho certeza de que pelo seu preço e distribuição, *A democracia grega* organizada por H. Jaguaribe³¹ está destinada a uma grande difusão. Seria interessante então ver qual a imagem do imperialismo ateniense que aí aparece.³²

Ouçamos H. Jaguaribe:

“Herdeiro de um processo democrático que vinha de Clístenes e que fora reforçado por Ephialtes, consolida este processo institucionalmente, através de medidas que ampliam a soberania popular e asseguram seu efetivo exercício. Ao mesmo tempo, graças ao seu sentido de medida e a sua incontestável autoridade moral, logra manter o processo democrático dentro de uma confortável margem de viabilidade social, econômica e política.

O líder democrático e popular, entretanto, é ao mesmo tempo o artífice de um grande projeto imperialista, que converte a Liga de Delos no Império ateniense.”³³

29. Sobre este ponto específico cf. FINLEY, M. «Was greek civilisation based on slave labour?» in *Economy and society in ancient Greece*. London, Chatto & Windus, 1981 e também VIDAL-NAQUET, P. «Les esclaves grecs étaient-ils une classe» in *Le Chasseur Noir*. Paris, Maspero, 1981.

30. KITTO, H. *op. cit.*, p. 147.

31. JAGUARIBE, H. (org.) *A democracia grega*. Brasília, UNB/Fund. Roberto Marinho, 1981.

32. A maior parte dos trechos apresentados e criticados se encontram no capítulo redigido pelo próprio organizador.

33. JAGUARIBE, H. *op. cit.*, p. 24.

Ora, pode parecer insignificante, mas não é. Inserir o “entretanto” nesta frase é um gravíssimo erro pois representa opor (e quase pedir desculpas por Péricles) o que deveria estar ligado de forma orgânica e inextricável, no caso do imperialismo ateniense.

Um pouco antes, outra afirmação insustentável; falando sobre o patriotismo grego:

“E instigava, ao mesmo tempo, a uma reivindicação de autonomia absoluta para a cidade, incompatível com formas estáveis de cooperação e, o que com estas ainda é mais incompatível, ao desígnio de hegemonia da própria cidade sobre as demais, em um afã de supremacia menos orientado para a obtenção de vantagens materiais, embora também por elas motivado, do que para manifestar a própria superioridade.”³⁴

Também aqui a nuance, entre vírgulas, “mas também por elas motivado”, é incluída no sentido errado. De nuance equivocada em nuance equivocada se constrói uma imagem falsa do imperialismo ateniense.

Mais adiante,³⁵ o império aparece como uma criação dos líderes do partido popular, o que contém dois erros ao mesmo tempo.

Para H. Jaguaribe, o imperialismo ateniense é devido à necessidade de abastecimento de Atenas, de manutenção da frota, emprego para a população e formação de cleruquias. Isto ninguém nega, mas ele simplesmente ignora o enorme ingresso de recursos em *dinheiro*, o tributo pago anualmente. No final do volume, numa mesa-redonda³⁶ ele dirá que o imposto apenas sustentava a máquina administrativa do império. Aqui, ao contrário do que fiz com Glotz e Kitto, é simplesmente impossível tentar apresentar o pensamento do autor. H. Jaguaribe negligencia dados concretos, como o de Tucídides (2.13.3) que avalia em 600 talentos anuais a contribuição para o império no início da Guerra do Peloponeso. Por outro lado, Xenofonte (Anab. 7.1.27) nos informa que era de

34. *ibid.*, p. 24.

35. *ibid.*, p. 28-29.

36. *ibid.*, p. 137.

1.000 talentos o total das rendas atenienses. Quaisquer que sejam as variações possíveis nestes dados, os rendimentos em dinheiro eram muitíssimo importantes.

Além disso, dentro dos quadros do império, o autor superestima a importância do comércio ateniense, como a exportação de vasos. C. Mossé mostrou³⁷ que o maior desenvolvimento do imperialismo ateniense coincide com o início do declínio da cerâmica ática, constituindo-se esta, antes, mais num produto de troca que de exportação.

Não posso entrar aqui na análise de uma série de problemas conexos ao império, como a democracia e a escravidão,^{37a} mas a visão de H. Jaguaribe sobre Péricles não pode passar sem comentário. Sobre Péricles H. Jaguaribe fala de "gênio político", "sua insuperável identificação com os interesses de Atenas",³⁸ "sábua liderança", "inexcedível condutor da paz social". E ainda:

"Tal fato, indubitavelmente, também atesta o bom nível político do povo ateniense e sua capacidade, quando exposto a uma grande liderança, de discernir os verdadeiros interesses públicos dos artificios reacionários e das falácias populistas."³⁹

O que é aqui elogiado é o caráter aristocrático de uma certa democracia, onde a visão é de que a democracia foi brilhante, próspera e *vitoriosa* enquanto o povo se deixou conduzir pelos "aristoi". Isto representa a aceitação sem qualquer crítica, e ainda exagerada, de uma opinião (preconceito?) de Tucídides.

Ao fim desta parte cabe perguntar: qual a representatividade de obras tão diversas quanto um grande trabalho erudito como o de Glotz, uma obra de divulgação como a de Kitto, e o exercício de alguns letrados como Jaguaribe? O critério me parece consis-

37. MOSSE, C. *La colonisation dans l'antiquité*. Paris, Fernand Nathan, 1970, p. 74.

37a. Para isto remeto ao meu <Democracia grega antiga e Ideologia brasileira contemporânea> a ser publicado no segundo número da nova série da *Revista de História*.

38. JAGUARIBE, H. *op. cit.*, p. 39.

39. *ibid.*, p. 39.

tente. O primeiro é uma das maiores autoridades do início do século XX; o livro do segundo vendeu mais de um milhão de cópias e o terceiro estará sendo usado certamente como manual em muitas universidades brasileiras, pois "é o que há no mercado". Muito mais do que Cornford, J. de Romilly, Gomme ou qualquer outro especialista, são autores como estes que difundiram e em alguns casos continuam a difundir a imagem *predominante* do imperialismo ateniense. Mas a escolha, se foi mais ou menos arbitrária, não foi gratuita. Se a amostragem tomasse Buckhardt, Hatzfeld, Ros-tovtzeff e Toynbee por exemplo, o resultado teria sido quase o mesmo. Eu aliás hesitei entre estes autores no momento da escolha e poderia fazer outro trabalho com estes últimos historiadores. Todos, obviamente, acreditam piamente nas suas interpretações. Penso ter mostrado algumas das condicionantes que podem ter moldado algumas das suas opiniões. Todos, igualmente, acham que suas análises estão rigorosamente apoiadas nas fontes antigas, e, principalmente, em Tucídides.

Cumpre-nos agora mostrar como pode sair de Tucídides (e a partir de uma crítica de Tucídides) outra interpretação do imperialismo.

3. POR UMA NOVA ABORDAGEM DO IMPERIALISMO

O problema inicial que se nos apresenta, se pretendemos seguir este tipo de pesquisa, é mostrar qual a natureza da fonte. Sabemos, como os estudos de J. de Romilly, que a obra de Tucídides é extremamente seletiva. Em *Histoire et raison chez Thucydide*⁴⁰ ela fala de "fermeté dépourillée" e de "éclat de théorème".⁴¹ A construção quase matemática que ele dá à sua obra impõe ao historiador uma tarefa de "desmontagem" do seu texto, para, só então, tomá-lo como fonte segura. É o que fazia já Cornford,⁴² mostrando o que é histórico e o que é mítico em Tucídides. É o que a mesma

40. ROMILLY, J. *Histoire et raison chez Thucydide*. Paris, les Belles Lettres, 1967.

41. ROMILLY, J. *op. cit.*, p. 9.

42. CORNFORD, F. *Thucydides mythistoricus*. London, Routledge & Kegan Paul Ltd, 1965 (1907).

Jacqueline faz no seu livro sobre Tucídides e o imperialismo ateniense.⁴³ É justamente o que muitos historiadores como Kitto, não fazem, ao pensar que basta citar longamente (ou parafrasear) Tucídides. É o que outros, como Glotz, não conseguem muitas vezes fazer, ao atribuir uma autoridade exagerada a Tucídides. E é o que outros nem tentam, como Jaguaribe, que ignora dados seguros que podem ser tirados de Tucídides.

O primeiro cuidado que se deve tomar é quanto ao fato de que Tucídides não estuda nem o princípio nem a obra do imperialismo ateniense; ele apenas relata uma série de momentos que marcam o seu desenrolar.⁴⁴ Em Tucídides tudo se funde numa unidade, como se só houvesse uma vontade em jogo, como se Atenas inteira fosse imperialista (o que pode até ser verdadeira), e também como se o fosse sempre da mesma maneira. J. de Romilly explica como os atenienses se organizavam em três *tendências* quanto ao imperialismo, e como o reconhecimento das oposições, que Tucídides não nos oferece, tornaria muito mais clara a segunda parte da *Pentecontaetia*.⁴⁵

As oposições entre Címon e Temístocles, ou entre Címon e Péricles, ou ainda entre Nícias e Alcibíades não são explicadas por Tucídides nas suas implicações sócio-políticas. J. de Romilly resume esta idéia, falando:

“En laissant entièrement dans l'ombre les luttes de partis qui président aux destinées de l'impérialisme pour en attribuer la responsabilité à Athènes, en éliminant toutes les variations que subit son orientation pour y voir le développement continu d'une seule et même pensée, il parvient à se dégager du particulier et du multiple pour arriver à cette forme une et générale qu'illustre l'expression οἱ Ἀθηναῖοι.”⁴⁶

A primeira observação é, pois, que as oposições internas não são suficientemente explicadas por Tucídides.

43. ROMILLY, J. *Thucydide et l'impérialisme athénien*. Paris, Les Belles Lettres, 1951.

44. ROMILLY, J. *Thuc. et l'imp...*, p. 56.

45. *ibid.*, p. 60.

46. *ibid.*, p. 61.

Outra questão seria o lugar do “econômico” no relato de Tucídides. Seria exagero acompanhar historiadores que, como Grundy, afirmavam uma origem puramente econômica da Guerra. Entretanto, reconhecer que não devemos aplicar ao imperialismo ateniense as mesmas necessidades do imperialismo inglês do século XX não quer dizer que a questão se encerra aí. Em especial, uma questão essencial levantada por L. Gernet, o abastecimento de Atenas em grãos, é negligenciada por Tucídides. Para ele, o trigo é tão importante quanto qualquer outro produto. Em relação à Sicília, o objetivo seria mais privar os Lacedemônios que garantir o abastecimento de Atenas. Na *Pentecontaetia* ele não considera sequer a possibilidade de que na expedição ao Egito se buscasse o acesso a um dos maiores celeiros do mediterrâneo.

J. de Romilly diz:

“On vient de voir que selon M. Gernet c'était-là l'objectif essentiel d'Athènes: “régner” écrit-il, “c'est vivre sur l'étranger, lui prendre ses blés, le tracasser de toutes les façons dans son commerce et percevoir la dîme de ce qu'on voulait bien lui laisser.” S'il en était ainsi, on comprend un des rapports économiques qui liaient entre eux l'impérialisme et la démocratie. C'était en effet la classe pauvre qui pouvait profiter des conquêtes.

Or Thucydide ne le marque guère davantage. En dehors de l'allusion assez vague de IV. 61.3, dans laquelle Hermocrate déclare (pour soulever les peuples de Sicile) que les athéniens sont venus τῶν ἐν τῇ Σικελίᾳ ἁγαθῶν ἐπιέμενοι, Thucydide ne mentionne qu'une fois cet aspect économique de l'impérialisme: encore est-ce à propos d'une démarche précise — ici encore, l'expédition de Sicile — et comme un motif annexe qui n'a d'influence que sur la foule.”⁴⁷

A segunda observação é, portanto, a pequena importância atribuída por Tucídides aos aspectos econômicos.

47. *ibid.*, p. 69-70.

Sobre este ponto ainda, F. Châlet⁴⁸ pensa diferente; reconhece que Tucídides é muito discreto sobre este ponto e, se perguntando se em Tucídide a “vontade” imperialista seria superior à “necessidade”, responde que mesmo no porta-voz mais espiritualizado do imperialismo, Péricles, poder e opulência, glória e riqueza aparecem juntos. Afirmando que cabe ao historiador contemporâneo julgar sobre as verdadeiras causas da guerra,⁴⁹ ele reconhece implicitamente que Tucídides só pode ser tomado como fonte depois de cuidadosamente criticado. Ao contrário de J. de Romilly, ele pensa que na explicação do conflito os aspectos materiais e espirituais do imperialismo são inseparáveis.

“Le fait que Thucydide définisse celles-ci surtout dans une perspective financière prouve, non pas qu’il se désintéresse de l’économie proprement dite, mais qu’il met en évidence le problème économique déterminant de l’État athénien.”⁵⁰

Quer aceitemos uma opinião ou outra, fica claro que nenhuma delas autoriza a interpretação de Jaguaribe, por exemplo.

Há ainda outros problemas relativos ao testemunho de Tucídides. Se não podemos acusá-lo de erro positivo, há certamente afirmações incompletas, pois ele tende sempre a se estender sobre os recursos de Atenas, mas analisa pouco a evolução e os mecanismos da sua dominação. Por exemplo, ele fala muito sobre Cleon e a repressão a Mitilene, mas não menciona que Cleon tinha aumentado muito os tributos em 425 (o que sabemos através da inscrição IG I² 63).⁵¹

Finalmente, se Tucídides reconhece a responsabilidade de Atenas, ele se desinteressa da dominação em si, e é, em consequência, pouco sensível aos seus erros.⁵²

48. CHATELET, F. *La naissance de l'histoire*. Paris, Ed. de Minuit, 1962, p. 130-131.

49. CHATELET, F. *op. cit.*, p. 132.

50. *ibid.*, p. 131.

51. Para outras observações no mesmo sentido, ver ROMILLY, J. *Tuc. et l'imp.*..., p. 79 sq.

52. *ibid.*, p. 89.

Na minha opinião, é a aceitação acrítica do texto de Tucídides que leva historiadores como Kitto a ter a mesma atitude.

Por outro lado, nas raras vezes em que Tucídides emite *claramente* opiniões sobre política interna, elas vão no sentido do elogio à democracia moderada. Péricles é aprovado sem reservas, assim como Teramenes. Cleon é o protótipo do mau líder, do mau governo. Alcibiades é a irresponsabilidade personalizada. Dizer que Tucídides é "reacionário" é exagero. Mas conservador, em política interna e externa, ele certamente o é.

Penso que também esta circunstância favoreceu a aceitação acrítica do testemunho tucidideano por historiadores como Glotz.

Para fechar o quadro que muitos historiadores fazem da vida grega com base no testemunho de Tucídides resta ainda um elemento. Notamos um grande pessimismo na "História da Guerra do Peloponeso"; Para F. Châtelet,

"L'oeuvre pourrait être définie comme la description systématique de la faillite d'une solution. L'échec de l'ambition athénienne est le symbole de l'échec nécessaire de toute volonté unifiante. La faillite est double: elle se manifeste à la fois dans le domaine moral et sur le plan historique." ⁵³

Assim, o esquema do imperialismo levando à guerra se completa com o outro, da guerra levando ao declínio (do mundo grego). Isto, na minha opinião, é aceitar o testemunho de alguns autores antigos e desconhecer muitas das realidades do IV século por exemplo, para não falar do período helenístico. É eleger os parâmetros do V século, da Atenas pericleana mais precisamente, como um ideal de cultura e medir a partir daí os graus de desvio. Não é esta, na minha opinião, a tarefa do historiador.

O historiador, isto sim, precisa mostrar, (através de Tucídides, mas porque não também contra ele?) como, após Péricles há um aprofundamento da política democrática ⁵⁴ e a atitude aristocrática é dupla: ou o desgosto pela política ou a tentativa de solu-

53. CHATELET, F. *op. cit.*, p. 145.

54. Os limites do exercício da soberania pelo demos sob Péricles em MOSSE, C. *Histoire d'une démocratie: Athènes*. Paris, Seuil, 1971, p. 48.

ções desesperadas, como os golpes oligárquicos. Cria-se a idéia de que houve uma transformação moral do cidadão de espírito público no cidadão de consciência de classe, egoísta e materialista.⁵⁵ Aceitar esta interpretação é esconder a evidência de que se tratava apenas de dois interesses de classe diferentes, mais um julgamento de valor que considera preferível a simples vigilância dos líderes pelo povo à participação efetiva deste nas mais altas magistraturas.

Outro erro crasso é tentar “entrar nas negociações diplomáticas”, “corrigir o pessimismo de Tucídides” e tentar “evitar” a guerra do Peloponeso, “salvando” a cultura clássica. É o que Jaguaribe tentou fazer⁵⁶ e é o que leva ao exagero na analogia com o mundo bipolarizado do após-segunda guerra mundial, como no trabalho de P. Fliess⁵⁷ que resume todos esses erros.

Eu não pretendo afirmar que uma interpretação revolucionária sobre o imperialismo ateniense pode surgir fácil e rapidamente se tomarmos as precauções acima listadas. G.E.M. de Ste Croix pretende que sim,⁵⁸ dando uma nova interpretação do decreto de Mégara e fazendo uma vasta retomada do método histórico de Tucídides e da atitude deste diante do mundo da sua época. Mas, por exemplo, num livro tão recente quando competente, C. Mossé⁵⁹ não consegue escapar a muitas das interpretações consagradas. Eu penso que o melhor caminho é o que tem seguido Moses Finley, em várias obras,⁶⁰ como por exemplo no artigo importante “The fifth century athenian empire: a balance-sheet”,⁶¹ onde Finley

55. Crítica desta visão em WOOD, E. e WOOD, N. *Class ideology and ancient political theory*. Oxford, 1978, p. 64-67.

56. JAGUARIBE, H. *op. cit.*, p. 45 sq.

57. FLIESS, P. *Thucydides and the politics of bipolarity*. Louisiana, 1966; o que pode ser visto por alguns subtítulos do seu trabalho, como «Could bipolarism have been prevented?», «the inevitability of the war»; «desintegration of the ethos»; mas não podemos nos deter neste ponto.

58. STE CROIX, G. *The origins of the Peloponnesian war*. London, Duckworth, 1972.

59. MOSSE, C. *op. cit.*,

60. notadamente *Les anciens grecs*. Paris Maspero, 1981; *Démocratie antique et démocratie moderne*. Paris, Payot, s.d. para este assunto.

61. in GARNSEY, P. e WHITAKER, C. *Imperialism in the ancient world*. Cambridge, C.U.P., 1978, p. 103-126.

mostra a validade da noção de imperialismo, por oposição a hegemonia e desmistifica a busca do ponto inicial do império, relativizando a passagem da *symachia* à *arkhé*.

Mostra também como é falso afirmar que o império é uma construção do partido popular (contra H. Jaguaribe); neste artigo ele examina os benefícios, inclusive materiais, que a dominação trazia — e para quem, *dentro* de Atenas — e as implicações financeiras do império, assim como os ganhos indiretos.

Que não se pense que a imagem do imperialismo ateniense em Finley vá sistematicamente no sentido de “denegrir” o papel de Atenas. Ele mostrou em especial que duas formas modernas de exploração colonial (mão-de-obra mais barata das colônias; matérias-primas abaixo do preço do mercado) e uma antiga (romana, o empréstimo a juros extorsivos para pagamento de tributos em atraso ou excessivos) não foram utilizadas por Atenas. Mostrou também o porquê da “fidelidade” de muitas cidades dominadas, quando do endurecimento da guerra.

Como ele mesmo afirma, numa perspectiva que também é válida para o problema da escravidão, as discussões sobre a exploração, sobre a opressão imperial, são muitas vezes mal colocadas. O imperialismo ateniense, afirma Finley, usou de todas as formas disponíveis e necessárias de exploração que a mentalidade grega reconhecia.

Finley, quando aponta todos esses novos caminhos de interpretação, não está sendo menos rigoroso na interpretação das fontes do que Glotz, para usar o parâmetro comparativo máximo. A sua interpretação do imperialismo ateniense se completa com a nossa exposição dos métodos, resultados e pressupostos de alguns historiadores. O nosso objetivo não pode ser o de testar se a interpretação de Finley, Ste Croix e outros renovadores é *correta* ou não; seria um trabalho de história. O objetivo deste trabalho de *historiografia* foi o enunciado anteriormente.

Aqui surge uma questão “em última instância”. Porque não estender a Finley a nossa revisão? Será que a visão dele sobre o imperialismo não é a de um anglo-saxão de esquerda(?) que viu a passagem do centro hegemônico da Inglaterra para os Estados Unidos, que sofreu as pressões do Macartismo e que sentiu na

própria pele as ambigüidades e contradições do imperialismo e da democracia contemporâneas? Creio que colocar esta questão já é levar a revisão até Finley. Não consigo ir mais longe, porque não encontro um referencial político ou historiográfico que me pareça mais avançado, que eu considere mais atual, ou melhor. Espero ter mostrado como o condicionamento social e político da produção do conhecimento histórico influenciou diretamente a informação, relativa ao imperialismo, que os historiadores tiraram de Tucídides, acreditando que a fonte antiga dava às suas afirmações o peso da autoridade dos séculos.

BIBLIOGRAFIA

Textos de Tucídides

THUCYDIDE, *Histoire de la Guerre du Peloponnèse*. Paris, Les Belles Lettres, 6 v., 1958-1972.

THUCYDIDES, *The Peloponnesian War*. Introduction by John Finley Jr. New York, The Modern Library, 1951.

TUCIDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução, introdução e notas por Mário da Gama Kury. Brasília, UNB, 1982.

Manuais criticados

GLOTZ, G. *Histoire Grecque*. Paris, P.U.F., 1948 (1926), 2 v.

KITTO, H. *The Greeks*. London, Penguin Books, 1981 (1951).

JAGUARIBE, H. *A democracia grega*. Brasília, UNB/Fund. Roberto Marinho, 1981.

HATZFELD, J. *História da Grécia Antiga*. Lisboa, Europa-América, s.d.

BURCKHARDT, J. *História de la cultura griega*. Madrid, Iberia, s.d.

TOYNBEE, A. *Helenismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

ROSTOVITZ, M. *História da Grécia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

Obras de apoio

HARTOG, F. *Le miroir d'Hérodote*. Paris, Gallimard, 1980.

FLIESS, P. *Thucydides and the politics of bipolarity*. Louisiana, 1966.

- ROMILLY, J. *Thucydide et l'impérialisme athénien*. Paris, Les Belles Lettres, 1951.
- . *Histoire et raison chez Thucydide*. Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- JEAGER, W. *Paideia*. Lisboa, Aster, s.d.
- CHATELET, F. *La naissance de l'histoire*. Paris, Ed. de Minuit, 1962.
- MUSTI, D. *La storiografia greca. Guida storica e critica*. Roma-Bari, Laterza, 1979.
- CORNFORD, F. *Thucydides my thistoricus*. London, Routledge & Kegan Paul Ltda, 1965 (1907).
- COLLINGWOOD, R. *A idéia de história*. Portugal/Brasil, Presença/Martins Fontes, 1981.
- ADRADOS, F. *La democraciú ateniense*. Madrid, Alianza, 1975.
- AUSTIN, M. e VIDAL-NAQUET, P. *Economies et sociétés en Grèce ancienne*. Paris, Armand Colin, 1972.
- VIDAL-NAQUET, P. *Le chasseur noir*. Paris, Maspero, 1981.
- MOSSE, C. *La colonisation dans l'antiquité*. Paris, Fernand Nathan, 1970.
- . *Histoire d'une démocratie: Athènes*. Paris, Seuil, 1971.
- FINLEY, M. *Les anciens grecs*. Paris, Maspero, 1981.
- . *Démocratie antique et démocratie moderne*. Paris, Payot, s.d.
- . *Economy and society in ancient Greece*. London, Chatto & Windus, 1981.
- MARCUCCI, M. «Tyche e storia. Note sul «metodo» tucidideo come «ipotesi retorica», in *Dialoghi di Archeologia*, 1 anno 3, 1981, p. 23-31.